

## EVOLUÇÃO DA CULTURA DO FEIJÃO, 1970-80

Sylvia Regina Hellmeister

A análise evolutiva da cultura brasileira do feijão mostra que as estatísticas pouco têm se alterado, principalmente no que diz respeito à produtividade. Neste aspecto, fica evidente a permanência da cultura como exploração tradicional, de caráter de subsistência, em que pouco ou nada se investe; ao contrário, procura-se usufruir dos benefícios eventualmente deixados por outras lavouras.

É flagrante a estagnação da cultura no decênio de 1970. Somente nos três primeiros anos desse período, os resultados foram melhores, dado que a média de rendimento situou-se em 664kg/ha, em função dos níveis alcançados na região Norte do País voltada, em grande proporção, à exploração do feijão macaçar (quadro 1). Depois de 1972, essa média já mais chegou a ser atingida, sendo que somente em 1973 (584kg/ha) e 1975 (554kg/ha) foram ultrapassados os 550kg/ha. As piores safras foram as de 1976 e 1978, com 456 e 481kg/ha, respectivamente. Normalmente é a temporada da seca que contribui para essas frustrações.

Em contrapartida, a área apresenta tendência inversa. O que se observa é uma evolução gradativa mas praticamente constante; em determinados anos (1971 e 1977) chega-se a incrementos positivos de até 500 mil hectares. No geral, o que ocorre é que após um ano de avanço significativo há quase que uma estagnação, com novas mudanças apenas em situações especiais.

Conciliadas áreas crescentes e produtividades decedentes, resultam produções oscilantes, cujos aumentos ou diminuições estão condicionados aos saldos da interação desses dois parâmetros.

Este aspecto é relevante ao considerar-se que, apesar do Brasil ser o 3º produtor mundial de feijão, apresenta um consumo expressivo, característica que lhe tolhe a oportunidade de participação como exportador e, via de regra, exige que esteja presente no mercado internacional como comprador, principalmente do feijão preto, complementando a carência interna.

Mesmo que a demanda global (2.440 mil toneladas, estimativa atual) apresente gradativo e constante crescimento, o consumo per capita torna-se involutivo ou decrescente na medida em que as frustrações de safra limitam a produção, dificultando o comércio a níveis acessíveis à grande maioria consumidora do produto.

Há, portanto, vários pontos envolvidos nessas inconstantes e, às vezes, comprometedoras safras. De um lado, os produtores se vêem atin

QUADRO 1 - Evolução da Cultura do Feijão no Brasil, 1970/1980

Safrá	Total			Feijão águas			Feijão seca		
	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1970	3.484,8	2.211,4	635	-	-	-	-	-	-
1971	3.936,3	2.688,0	683	-	-	-	-	-	-
1972	3.971,0	2.676,2	674	-	-	-	-	-	-
1973	3.814,7	2.228,9	584	-	-	-	-	-	-
1974	4.162,5	2.238,0	539	1.764,0	1.052,8	598	2.398,5	1.185,2	494
1975	4.102,2	2.270,7	554	1.716,5	1.158,7	675	2.385,7	1.112,0	466
1976	4.037,7	1.842,2	456	1.676,2	962,4	574	2.361,5	879,5	373
1977	4.562,0	2.327,2	510	1.844,3	1.138,3	617	2.717,7	1.188,9	437
1978	4.552,3	2.187,9	481	1.978,7	1.162,2	587	2.573,6	1.025,7	399
1979 <sup>(1)</sup>	4.164,4	2.181,1	524	1.870,3	1.116,3	597	2.294,1	1.064,8	464

(<sup>1</sup>) Estimativa.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, FIBGE.

gidos por prejuízos consideráveis; de outro, o mercado apresenta oferta restrita, comercialização distorcida e preços elevados, de tal forma que os consumidores se deparam com dificuldades para a aquisição do produto. Muitas vezes, este é, ainda, de qualidade média a inferior, influenciando no rendimento final.

Tendo em vista tratar-se de um produto básico, apresentando percentual protéico equiparado a outros alimentos de maior custo, a disponibilidade inferior gera uma situação em que a população de médio e baixo poder aquisitivo, tem reduzido o seu acesso ao produto e, conseqüentemente, a sua contribuição nutritiva.

Apesar do aspecto negativo da exploração pulverizada desenvolvida no Brasil, a fragilidade da cultura ante as ocorrências climáticas e de sanidade é, possivelmente, a base de toda a problemática da cultura no país. A pesquisa, que por um motivo ou outro não caminha em equivalência ao que desenvolve com outras culturas, não tem conseguido resultados que possam tornar uma variedade superior no sentido da rusticidade e invulnerabilidade, salvaguardando a cultura.

De outro lado, a política governamental delineada durante todos esses anos não teve maiores impactos na agricultura e, muito menos, na cultura do feijão, bastante modesta quando comparada ao potencial e retorno de outras. A soja é um bom exemplo por tratar-se de uma cultura que além de características que lhe permitem desenvolver-se em vários ambientes, sem os riscos do feijão, com maior produtividade e grande rentabilidade, promove o Brasil na concorrência do mercado internacional, posicionando-se como importante meio de obtenção de divisas.

O feijão, apesar da importância interna, não tem o mesmo papel nas exportações e nas transações internacionais, daí talvez a sua marginalização.

Ocorre, entretanto, um ciclo em que é difícil identificar o início, ou seja: o feijão é uma cultura tradicional, pulverizada, de baixa produtividade pelo desinteresse dos grandes agricultores e pela falta de medidas políticas que possam apará-lo ou então inexistente um maior direcionamento político e empresarial, pela pobreza da pesquisa que não conseguiu aperfeiçoar variedades tornando-as seguras e rentáveis para exploração em grande escala.

Ante os problemas que envolvem a cultura é evidente a necessidade de medidas que possam reverter em prol da mesma.

Nesse sentido e com as diretrizes atuais, o governo houve por bem se voltar efetivamente para a faseocultura e firmar, já para a safra de 1979/80, alguns itens, entre os quais: seguro obrigatório da cultura financiada; cobertura de até 100% dos prejuízos detectados; desvinculação do financiamento de custeio do preço mínimo; preço mínimo compatível com os praticados no mercado, estimulando a produção.

Concluído o plantio da temporada das águas de 1979/80, parti

cularmente no Centro-Sul, principal região produtora, ficou patente o reflexo positivo dessas medidas na expansão da área dos grandes estados produtores, como o Paraná, o qual responde normalmente por mais de 1/3 da produção nacional. São Paulo talvez tenha sido o único estado com efeitos mais moderados já que os 196,0 mil hectares estimados significam 14,0% de aumento e a recuperação de apenas 50% da área perdida de 1978 para 1979 (quadro 2).

Era previsto, pelo menos a nível de São Paulo, que a safra atual não responderia na intensidade esperada aos estímulos que pudessem advir de tais medidas, dado que o estado conta com uma área significativa (50% a 60% do total) de lavoura solteira desenvolvida em caráter comercial e, portanto, desprovido de condições para aderir prontamente a uma situação nova, atrativa, mais recente.

De modo geral, no entanto, as perspectivas no âmbito nacional foram promissoras e as estimativas iniciais da Comissão de Financiamento da Produção (CFP) eram de que a safra brasileira poderia situar-se na faixa de 1.300 mil a 1.500 mil toneladas. Não obstante, as ocorrências climáticas e o estado fitossanitário das lavouras vieram alterando gradativamente tais previsões. A intensificação da colheita no decorrer de novembro deixou claro que as chuvas, frio, granizo, seca, reinantes na região Centro-Sul durante todo o ciclo da cultura surtiram efeitos além dos previsitos. Atualmente, de posse de dados mais confiáveis, relativos à colheita e seus prejuízos, a CFP estima quebras de 35% a 37%, redundando numa produção provável de 886 mil a 990 mil toneladas.

Qualitativamente também houve comprometimento, sendo que no Paraná e no Rio Grande do Sul esta possivelmente tenha sido a pior safra dos últimos anos. É freqüente a classificação do produto abaixo do padrão com a maioria da produção se enquadrando no tipo 5. Em São Paulo, os danos foram menores, sendo predominante o tipo 3.

A situação precária do Paraná começou a se refletir na baixa dos níveis de preços, de modo que a CPP, com o objetivo de salvaguardar o produtor de maiores prejuízos com a comercialização desse produto inferior, agilizou o repasse às Cooperativas, de modo a atuarem eficazmente nas operações de pré-EGF's.

Considerando que a produção do feijão preto é basicamente obtida no Paraná e Rio Grande do Sul, principais fornecedores do Grande Rio, os problemas mencionados restringiram a disponibilidade no mercado, refletindo-se nos níveis de preços. Tendo em vista o consumo e participação do produto na dieta alimentar da população, o tabelamento a Cr\$23,00/kg foi a solução do governo.

No Estado de São Paulo, apesar da carência de produto extra ou superior, os preços médios de comercialização têm sido expressivos, remunerando satisfatoriamente o produtor (quadro 3).

QUADRO 2. - Evolução da Cultura do Feijão em São Paulo, 1970/80

Safrá	Total			Feijão águas			Feijão seca		
	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1970	285,4	139,8	490	147,5	75,6	512	137,9	64,2	465
1971	259,0	138,0	533	128,3	54,0	420	130,7	84,0	642
1972	250,0	123,0	492	115,0	51,0	443	135,0	72,0	533
1973	270,0	133,8	495	125,0	55,8	446	145,0	78,0	538
1974	289,6	131,4	454	158,6	62,4	393	131,0	69,0	527
1975	231,2	109,2	472	130,0	52,2	402	101,2	57,0	563
1976	239,7	139,7	583	104,0	46,7	449	135,7	93,0	685
1977	349,5	201,6	577	157,5	81,6	518	192,0	120,0	625
1978	445,2	206,3	463	244,5	120,9	494	200,7	85,4	426
1979	351,5	230,6	656	172,1	116,9	679	179,4	113,7	634
1980 <sup>(1)</sup>	-	-	-	196,1	154,2	786	-	-	-

(<sup>1</sup>) Estimativa.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 3. - Preços Médios Mensais Correntes de Feijão Recebidos pelos Agricultores no Estado de São Paulo, 1975-79  
(Cr\$/sc.60kg)

Ano	1975	1976	1977	1978	1979
Jan.	139,40	250,50	419,90	252,20	436,20
Fev.	123,40	292,70	448,20	262,00	517,70
Mar.	127,80	365,40	520,40	356,40	594,70
Abr.	140,40	461,90	623,40	408,10	666,40
Mai.	206,90	517,80	655,20	598,30	681,50
Jun.	216,50	476,50	576,60	616,30	656,30
Jul.	244,90	490,50	527,30	569,20	735,50
Ago.	358,40	555,90	499,40	582,30	865,20
Set.	332,90	572,50	486,50	653,00	966,90
Out.	372,00	749,90	408,40	692,00	1.136,60
Nov.	265,10	711,00	294,00	568,20	832,00
Dez.	197,70	564,70	279,10	468,40	945,80

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Mesmo com as reduções e distorções apontadas, o volume circulante no mercado tem sido, no geral, satisfatório, não havendo indícios de dificuldade para com o abastecimento nos próximos meses. A possibilidade de importação, tal vez de feijão preto, veiculada nos últimos dias, não tem nada de concreto, mesmo porque seria prematuro lançar-se a tal recurso numa época de plena comercialização do Centro-Sul, início de colheita em alguns estados do Norte e Nordeste, e o principal, com o plantio da seca em vias de concretização com possibilidade de sucesso.

Considerando toda essa situação, os percentuais de inflação e os crescentes aumentos de combustíveis e de insumos dos últimos meses, os reajustes atuais de 45% do Valor Básico de Custeio (VBC) e de 47% do preço mínimo (Cr\$612,00 para Cr\$900,00/sc.60kg), visando à presente safra da seca, vieram de certo modo amparar o cultivo dessa temporada, possibilitando perspectivas que podem superar os resultados normalmente constatados.